

A ADAPTAÇÃO A CONTEXTOS DE ENSINO A DISTÂNCIA POR ESTUDANTES SENIORES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PORTUGUESA, NUMA CONJUNTURA PANDÉMICA

THE ADAPTATION TO DISTANCE LEARNING CONTEXTS BY SENIOR STUDENTS OF A PORTUGUESE HIGHER EDUCATION INSTITUTION, IN A PANDEMIC ENVIRONMENT

Recebido em: 17 de setembro de 2020

Aprovado em: 4 de dezembro de 2020

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RCO | a. 13 | v. 1 | p. 193-215 | jan./abr. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1i0.2407>

Sara Mónico Lopes sara.lopes@ipleiria.pt

Doutora em Antropologia pelo ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Lisboa/Portugal).

Professora adjunta da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria (Leiria/Portugal).

Investigadora no CICS.NOVA.IPLeiria.

Isabel Beato isabel.beato@ipleiria.pt

Doutora em Ciências da Educação pela Universidad de Extremadura (Cáceres/Espanha).

Professora adjunta convidada da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria (Leiria/Portugal).

Luisa Pimentel luisa.pimentel@ipleiria.pt

Doutora em Sociologia pelo ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Lisboa/Portugal).

Professora adjunta da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Politécnico de Leiria (Leiria/Portugal).

Investigadora no CICS.NOVA.IPLeiria e no CIES-ISCTE.

Cezarina Santinho Maurício cezarina.mauricio@ipleiria.pt

Especialista na área do Trabalho Social e Orientação, pelo Politécnico de Leiria (Leiria/Portugal).

Professora Adjunta da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Politécnico de Leiria (Leiria/Portugal).

RESUMO

A pandemia por SARS-CoV-2 colocou grandes desafios às instituições de ensino superior (IES), e o Politécnico de Leiria não ficou imune a esta crise. Num contexto em que a educação ao longo da vida faz parte das agendas políticas nacionais e internacionais, as instituições de ensino superior portuguesas têm vindo a reconhecer a importância desse paradigma, proporcionando momentos formativos e de partilha intergeracional para públicos diversificados. Com este artigo pretende-se perceber o processo de adaptação a contextos de ensino a distância pelos estudantes de uma formação sénior - o Programa 60+, do Politécnico de Leiria -, perante a situação pandémica. A partir de um estudo de caso, de contornos descritivo-exploratório, procuramos refletir sobre os processos de mudança de um sistema de ensino tradicional e presencial para a utilização de metodologias de ensino e aprendizagem suportadas por ferramentas digitais. Participaram no estudo 35 estudantes seniores inscritos no 2º semestre do ano letivo 2019/2020. Concluiu-se que a maioria dos respondentes sentiu dificuldades na adaptação ao novo contexto que se impôs de forma inesperada. Mais de metade não participou nas atividades a distância e afirma preferir as atividades presenciais. Dos que participaram nas atividades a distância, a maioria não sentiu dificuldade no acesso às plataformas e na utilização das ferramentas digitais, o que permite evidenciar a importância da formação neste domínio. Resultados que vão ao encontro das orientações nacionais e internacionais para a adoção de estratégias que promovam a literacia digital.

Palavras-chave: Educação ao longo da vida. Ensino a distância. Seniores.

ABSTRACT

The SARS-CoV-2 pandemic posed major challenges for higher education institutions (HEI) and the Polytechnic of Leiria was not immune to this crisis. In a context in which lifelong education is part of national and international political agendas, Portuguese higher education institutions have been recognizing the importance of this paradigm, providing training and intergenerational moments of sharing for diverse audiences. This article intends to understand the adaptation process to home online schooling by students of a senior training - the Program 60+, from the Polytechnic of Leiria -, in the face of the pandemic situation. Based on a descriptive-exploratory case study, we seek to reflect on the process of changing from a traditional and face-to-face teaching system to the use of teaching and learning methodologies supported by digital tools. Thirty-five senior students, enrolled in the second semester of the academic year 2019/2020, participated in the study. We concluded that most participants experienced difficulties in adapting to the new context that was imposed upon themselves unexpectedly. More than half did not participate in the proposed online activities and claim to prefer face-to-face activities. The majority of those who participated in the online activities did not experience difficulties in accessing the platforms and in the use of digital tools, which highlights the importance of training in this sort of learning. These results are in line with the national and international guidelines for the adoption of strategies that promote digital literacy.

Keywords: Lifelong education. Distance learning. Seniors.

1 INTRODUÇÃO

A convicção de que não há um tempo nem um contexto específico para o indivíduo realizar as suas aprendizagens, contribuiu para a afirmação do paradigma da educação permanente ou ao longo da vida, ampliando o entendimento do conceito de educação. Neste artigo, partimos desta perspectiva, para refletirmos sobre as orientações das políticas públicas, nacionais e internacionais, para adultos e para analisarmos, em concreto, uma oferta formativa dirigida a um público sénior e a sua adaptação a contextos de ensino a distância perante a pandemia por SARS-CoV-2, que assolou Portugal a partir de março de 2020.

A década de sessenta do século XX representa o ponto de viragem e de afirmação desta conceção, renovada e ampliada, nas políticas educativas, surgindo uma perspectiva mais abrangente, quer ao nível das modalidades de educação (formal, não formal e informal), quer ao nível dos seus públicos, jovens e adultos. Associada a esta viragem está o aparecimento de posições distintas de organismos internacionais: por um lado, a do movimento da educação permanente (CANÁRIO, 2000) alicerçado no Relatório - *Learning to Be – the world of education today and tomorrow* - coordenado por Edgar Faure¹ para a UNESCO, publicado em 1972; por outro lado o relatório *Recurrent Education: a strategy for lifelong learning*, da OCDE, em 1973.

Do ponto de vista político-ideológico, a UNESCO desempenhou um papel determinante para a educação em geral e de adultos em particular, tendo como missão contribuir para a paz e segurança, fomentando a colaboração entre os povos a partir da educação, da ciência e da cultura.

A ideia de educação permanente, que subjaz ao Relatório *Learning to be*, não foi uma criação nova da UNESCO, como salienta Faure (1972), antes uma (re)construção das perspectivas teórico-concetuais de John Dewey, Lindman, Kurt Lewein, David Kolb ou Carl Rogers, que marcaram a educação do início desse mesmo século. Esta conceção de educação refere-se a todo o processo educativo que ocorre ao longo dos ciclos de vida dos indivíduos, contemplando diversos momentos, formas e experiências, extravasando a lógica do modelo escolar, que determina(va) um tempo e um espaço próprios para o lugar da educação.

A posição da OCDE introduz a ideia da educação contínua, defendendo a oferta de oportunidade educativas ao longo da vida de uma pessoa sempre que sejam necessárias. Trata-se de uma proposta flexível que conjuga em alternância a educação/formação e as necessidades do mundo do trabalho.

¹ Precedido pelo trabalho de Paul Lengrand – *An Introduction to a lifelong learning* - assente na ideia do interesse inato do Homem pela aprendizagem, que contribui para a promoção de uma sociedade mais humana e pacífica.

Estas propostas tinham subjacente uma dura crítica ao sistema escolar que contribuía para doutrinar e moldar pensamentos em vez de contribuir para a espontaneidade e liberdade de pensamento.

O conceito de educação permanente perderia visibilidade a partir dos anos 1990 numa altura em que ganha preponderância o termo “aprendizagem ao longo da vida”. Ainda que por vezes sejam entendidos como sinónimos, a sua conceitualização aponta para visões distintas, por um lado (educação permanente) a defesa de uma educação integradora, durante toda a vida do indivíduo e em todos os contextos, por outro, a conceção da educação virada para o crescimento económico, para a competitividade (SILVESTRE, 2013) e, entre outros aspetos, para a formação de recursos humanos (LIMA, 2007).

A aprendizagem ao Longo da Vida (ALV) tem marcado a agenda política na educação e formação ao longo dos últimos anos, sendo cada vez mais uma necessidade e uma consciência que acompanha as nossas sociedades e as instituições de ensino de uma forma em geral, não apenas em Portugal como no mundo. A construção de um paradigma de Aprendizagem ao Longo da Vida, onde se inclui o campo da educação de adultos (EA), baseia-se no desenvolvimento de uma cultura de aprendizagem, em que os sistemas de educação/formação, o mundo do trabalho, os contextos organizacionais e a sociedade no seu todo desempenham um papel imprescindível (PIRES, 2003). Destacamos alguns documentos, resoluções de políticas públicas, europeias e nacionais, neste domínio conducente à afirmação do paradigma da ALV, nos quais a formação para a promoção da literacia digital e para a diminuição da infoexclusão surge como uma das linhas de ação:

- O *Tratado da União Europeia*, em 1992, que preconiza uma vontade de promoção da educação como motor da competitividade económica, identificando-a como uma das principais áreas da agenda política. O Livro Verde - *Dimensão Europeia da Educação* (1993) ou o Livro Branco - *Educação e Formação, Ensinar e Aprender – Rumo à Sociedade Cognitiva* (1995) são exemplos de documentos elaborados para intensificar a intervenção da União Europeia no campo educativo e da educação de adultos em particular (BARROS, 2013).

- A *Estratégia de Lisboa* (Conselho Europeu de Lisboa, 2000), aponta o ano de 2010 para a construção de uma economia europeia alicerçada no conhecimento, dinâmica e competitiva, a partir, por exemplo, da reforma dos sistemas de educação e formação, para envolver os jovens e os adultos em ambientes de aprendizagem.

- A *Estratégia Europa 2020* (Comissão Europeia, 2010), enfatizou o desenvolvimento de programas de educação e ALV que promovam a mobilidade dos trabalhadores, nos Estados-membros da UE; a melhoria da qualidade e eficiência dos sistemas de educação e formação; a promoção da igualdade,

da coesão social e da cidadania ativa; e o estímulo à criatividade, à inovação e ao empreendedorismo (GUIMARÃES, 2016).

- A *Agenda Renovada no domínio da educação de adultos* (EAAL- *Renewed European Agenda for Adult Learning*), da Comissão Europeia (2011), define o eixo da cooperação europeia nas políticas de educação de adultos para o período até 2020, salientando a necessidade de todos os adultos aperfeiçoarem regularmente as suas aptidões e competências pessoais e profissionais, reconhecendo que a educação de adultos é o elemento mais fraco no desenvolvimento dos sistemas nacionais de aprendizagem ao longo da vida, onde se verifica uma baixa taxa de participação dos mesmos na aprendizagem. Entre os temas objeto de ação na Agenda contam-se: dar aos adultos, em qualquer fase da vida, mais oportunidades de acesso flexível a atividades de formação de elevada qualidade; adotar uma nova abordagem da educação de adultos centrada nos resultados do processo de aprendizagem; sensibilizar os adultos para o facto da aprendizagem constituir uma atividade contínua; desenvolver sistemas eficazes de orientação ao longo da vida e sistemas para a validação da aprendizagem não formal e informal.

- *Envelhecer bem na sociedade da informação* (Comissão das Comunidades Europeias, 2007a) e *Participar na sociedade de informação* (Comissão das Comunidades Europeias, 2007b), são dois documentos onde é possível identificar uma crescente preocupação com a inclusão digital das populações mais velhas, no contexto europeu.

- O *Plano Tecnológico*, de 2005, que formula uma estratégia de crescimento com base no conhecimento, na tecnologia e na inovação e que evidencia a importância de qualificar e de mobilizar Portugal para a sociedade da informação e do conhecimento.

- A *Agenda Portugal Digital* (2012), com objetivos traçados até 2020. Destaca-se um dos seus eixos, centrado na inclusão digital e na utilização regular da internet, entre cidadãos de zonas remotas, com baixos níveis de qualificação, seniores ou indivíduos com necessidades especiais.

- A *Estratégia Nacional para a Inclusão e Literacia Digitais* (2015), para o período compreendido entre 2015-2020. A sua intenção reside na obtenção de uma melhor posição ao nível europeu, em termos da utilização da internet, das competências digitais básicas da população e utilização dos serviços online.

- A *Iniciativa Nacional de Competências Digitais e.2030* (Portugal, INCoDe.2030), centrada na capacitação das competências digitais da população portuguesa. A inclusão social é um dos eixos de ação, dando-se atenção aos públicos infoexcluídos.

Identifica-se, desta forma, uma associação clara entre a aprendizagem ao longo da vida, a inclusão social e o reforço da cidadania digital, entre outros. Tal como referem Dias, 2012; Páscoa; Gil, 2015; Coelho, 2017, existem grupos de cidadãos que correm riscos maiores de exclusão, constituindo os

seniores um deles. Não ter acesso ou não saber utilizar as novas tecnologias significa o impedimento de ações relevantes para a sua vida diária e a aquisição de novos conhecimentos. O desenvolvimento de competências digitais nos idosos permite o manuseamento das TIC, mas possibilita, igualmente, a sua independência, a melhoria da sua autoestima, a melhoria da qualidade de vida e a construção de cidadania (DIAS, 2012).

Pelo exposto, o campo da educação de adultos tem estado no centro das políticas europeias, mas o grande enfoque tem sido dado, sobretudo, aos adultos ativos, relacionando-se, desta forma, o aumento das qualificações com a competitividade e empreendedorismo. Para os que se encontram a usufruir do seu tempo de reforma, com autonomia e no seu local de pertença, as medidas têm sido escassas, pautadas pela iniciativa de algumas instituições públicas (Universidades, Politécnicos ou Autarquias), do setor social ou de instituições de ensino superior privadas, que desenvolvem programas formativos para seniores. Em todos estes projetos, destinados aos públicos mais velhos, a oferta formativa no domínio das TIC está presente e tem por objetivo a promoção da inclusão digital e, conseqüentemente, da facilitação do exercício da cidadania social (PEREIRA; NEVES, 2011).

De facto, a educação deve existir durante todo o processo de vida de um indivíduo e não é a idade que determina o limite da aprendizagem, pois esta deve ser constante na vida dos mesmos. Concordamos com Faleiros (2013), quando advoga que o acesso à educação é fundamental para afirmar a autonomia dos sujeitos na velhice.

As instituições de ensino superior devem permitir que os indivíduos, em qualquer fase das suas vidas, prossigam os seus estudos numa lógica de reconhecimento de competências e valências adquiridas nos mais diversos contextos, permitindo que reconvertam as suas carreiras profissionais ou adquiram mais formação para se valorizarem pessoalmente e obterem promoção social.

Neste seguimento, e apesar de todas as políticas e mecanismos educativos/formativos, dirigidos a públicos mais velhos, por vezes regulares e outras vezes com ruturas mais acentuadas, que foram sendo implementados ao longo das últimas décadas, nada foi previsto para situações pandémicas, como a que nos atingiu em 2020 - SARS-CoV-2 – de forma inesperada. Esta obrigou a mudanças repentinas de estratégias e instrumentos pedagógicos usualmente utilizados nas aulas presenciais. Falamos da massificação do uso de recursos online (ensino a distância), uma vez que o confinamento implicou o cancelamento das atividades presenciais.

O Politécnico de Leiria, que integrou a educação ao longo da vida nas suas orientações estratégicas, e vem desenvolvendo iniciativas junto do público sénior, designadamente o Programa 60+, neste quadro pandémico procurou adaptar-se às contingências, utilizando as plataformas digitais para dar continuidade às suas atividades.

2 OS SENIORES E A EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA - O PROGRAMA 60+

Considerando as oportunidades e os benefícios de um programa para públicos seniores numa instituição pública de ensino superior, o Politécnico de Leiria integrou, desde 2008, no seu plano formativo o Programa 60+. Trata-se de uma formação para adultos reformados ou em situação de pré-reforma, com mais de 50 anos. O Programa tem como objetivos contribuir para um processo de envelhecimento ativo e saudável, promover a interação social, o convívio intergeracional e, entre outros, estimular a troca de saberes e experiências.

O Programa 60+ apresenta características peculiares que o distinguem de outras iniciativas dinamizadas por instituições de ensino superior portuguesas para públicos semelhantes, nomeadamente, como já referido noutras publicações (PIMENTEL; LOPES; PEDROSA; MAURÍCIO, 2019; PIMENTEL; LOPES, 2018), a inclusão dos seniores, juntamente com os estudantes mais jovens, em aulas dos cursos de Licenciatura e de Cursos Técnicos Superiores Profissionais (CTeSP) do referido Politécnico. Esta é uma das condições de frequência do Programa: cada estudante sénior pode frequentar até 5 unidades curriculares (UC) dos referidos cursos das 5 escolas do Politécnico (3 em Leiria, 1 nas Caldas da Rainha e 1 em Peniche). Para além desta oportunidade, são dinamizadas atividades (de carácter pago ou gratuito) dirigidas apenas aos seniores do Programa

[...] na área da atividade física, da língua estrangeira (Inglês) e das tecnologias e informação e comunicação (TIC). As atividades gratuitas desenvolvem-se, em diversas áreas, por iniciativa voluntária dos próprios estudantes seniores, da coordenação do Programa, de docentes do Politécnico de Leiria, de estudantes mais jovens ou de pessoas externas (PIMENTEL; LOPES; PEDROSA; MAURÍCIO, 2019, p.309-310).

Como se pode ver pelos dados constantes na Tabela 1, os seniores que frequentaram o 60+ no ano letivo 2019/2020, eram predominantemente mulheres, com idades compreendidas entre os 60 e os 79 anos, e com uma escolaridade média ou superior. É um grupo que acompanha o padrão de género das categorias mais envelhecidas da população portuguesa, constituídas maioritariamente por mulheres, mas que apresenta uma escolaridade substancialmente mais elevada do que a maioria da população sénior do país, que continua a ser marcada por elevadas percentagens de analfabetismo (CAVACO, 2018).

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica dos estudantes 60+ em 2019-2020

		n= 118	%
Sexo	Feminino	76	64
	Masculino	42	36
Idade	50-59	5	4
	60-69	62	53
	70-79	49	41
	>=80	2	2
Habilitações acadêmicas	1º ciclo do ensino básico	4	3,4
	2º ciclo do ensino básico	6	5,1
	3º ciclo do ensino básico	20	16,9
	Ensino Secundário	27	22,9
	Ensino Médio/ Bacharelato	11	9,3
	Licenciatura	50	42,4

Fonte: Comissão Científico-Pedagógica do Programa 60+ (2020, p. 7)

3 METODOLOGIA

Tendo em conta as mudanças nas estratégias pedagógicas e nas ferramentas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem, implementadas de forma abrupta no 2º semestre de 2019/2020, decidimos pela realização de um estudo que tem como objetivo geral: perceber a adesão e o processo de adaptação a contextos de ensino a distância por públicos seniores, de uma instituição de ensino superior pública portuguesa, perante a pandemia - SARS-CoV-2. A partir do qual se desenharam outros mais específicos:

- analisar o nível de participação dos estudantes do Programa 60+ nas atividades a distância desenvolvidas durante o período de interrupção das atividades presenciais em virtude da pandemia;
- conhecer as suas perceções sobre as ferramentas e as metodologias usadas;
- identificar dificuldades sentidas no acesso às plataformas digitais;
- analisar as vantagens e as desvantagens reconhecidas às metodologias de ensino alternativas.

A opção metodológica escolhida foi a do estudo de caso, de cariz descritivo-exploratório, por nos permitir conhecer e descrever, de forma particular e aprofundada, uma realidade delimitada (YIN, 2014): a participação em atividades a distância dos estudantes do Programa 60+, do Politécnico de Leiria. O estudo assume contornos quantitativos, considerando que a maioria da informação recolhida se pode expressar numericamente (BRYMAN, 2015), no entanto, incluem-se, também, alguns dados de natureza mais descrita e interpretativa.

Utilizou-se como instrumento de recolha de dados, o inquérito por questionário de auto-preenchimento, disponível numa plataforma online da google. Esta foi a única opção que os investigadores consideraram, uma vez que nos encontrávamos numa situação pandémica, sem contactos presenciais. As interações estabeleciam-se, preferencialmente, a partir de dispositivos móveis ou de plataformas de comunicação online, sendo o questionário um instrumento que, pelas suas características, não necessita da presença do investigador, tendo ainda a vantagem de poder ser dirigido, em simultâneo, a um número elevado de indivíduos (COUTINHO, 2015).

O questionário apresentava 5 partes: a primeira de caracterização dos respondentes; a segunda, com o propósito de aferir a participação/não participação em atividades a distância, os motivos, a sua regularidade, as plataformas de comunicação usadas; uma terceira parte para recolher as perceções dos participantes sobre vantagens e desvantagens das metodologias de ensino a distância para o seu processo de aprendizagem; a quarta parte questionava acerca dos contactos estabelecidos entre os estudantes seniores e a forma como ocorreram durante o período de confinamento e a última parte permitia perceber a intenção dos seniores sobre a sua reinscrição no ano letivo seguinte.

O instrumento foi sujeito a uma validação de conteúdo e forma (BRYMAN, 2015) por 2 especialistas, que sugeriram algumas alterações ao nível da redação de algumas questões e da tipologia de algumas respostas. Realizadas as alterações, o questionário foi dirigido, por email, aos estudantes seniores do Programa 60+, inscritos no 2º semestre (fevereiro a julho) do ano letivo 2019-2020. Desta forma, consideram-se os participantes neste estudo, de cariz não representativo, os respondentes ao questionário enviado.

De forma a cumprir os procedimentos éticos, no cabeçalho do formulário apresentava-se uma descrição dos objetivos do estudo, a garantia da confidencialidade e anonimato e um pedido de autorização para participar, de forma livre e informada, no mesmo.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

O inquérito, construído a partir da aplicação *Forms* da Google, disponível no endereço - <https://forms.gle/xnhU56Svx63NV8ah8> - , pressupunha um preenchimento online, tendo sido enviada a ligação, por email, a todos os estudantes inscritos no segundo semestre do referido ano letivo, ou seja, a 97 pessoas. Foi, ainda, feito um apelo à participação durante a sessão de encerramento do ano letivo, realizada através da plataforma Zoom. Apenas 35 estudantes responderam, representando uma taxa de resposta de 36,1%. Destes, 71,4% são mulheres e 28,6% homens, com idades compreendidas entre os 60 e os 74 anos. 62,9% têm licenciatura, 17,1% ensino médio ou bacharelato e 17,1% ensino secundário, o que indica que foram os mais escolarizados que manifestaram a sua opinião neste estudo.

4.1 PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES A DISTÂNCIA

Dos 35 respondentes, só 40% (n=14) afirmam ter participado nas atividades a distância desenvolvidas ao longo do 2º semestre. Destes, 78,6% participaram nas atividades a distância só nas UC específicas do 60+; 2 pessoas (14,3%) só nas UC de licenciatura ou de CTESP e uma participou em ambas.

As 21 pessoas (60%) que indicam não ter participado apresentam a falta de motivação como principal razão, mas a falta de competências na área das TIC e os problemas pessoais também são bastante referidos, como se evidencia na Tabela 2. De referir que os respondentes poderiam selecionar até 3 opções de resposta.

Tabela 2 – Motivos para não participar nas atividades a distância

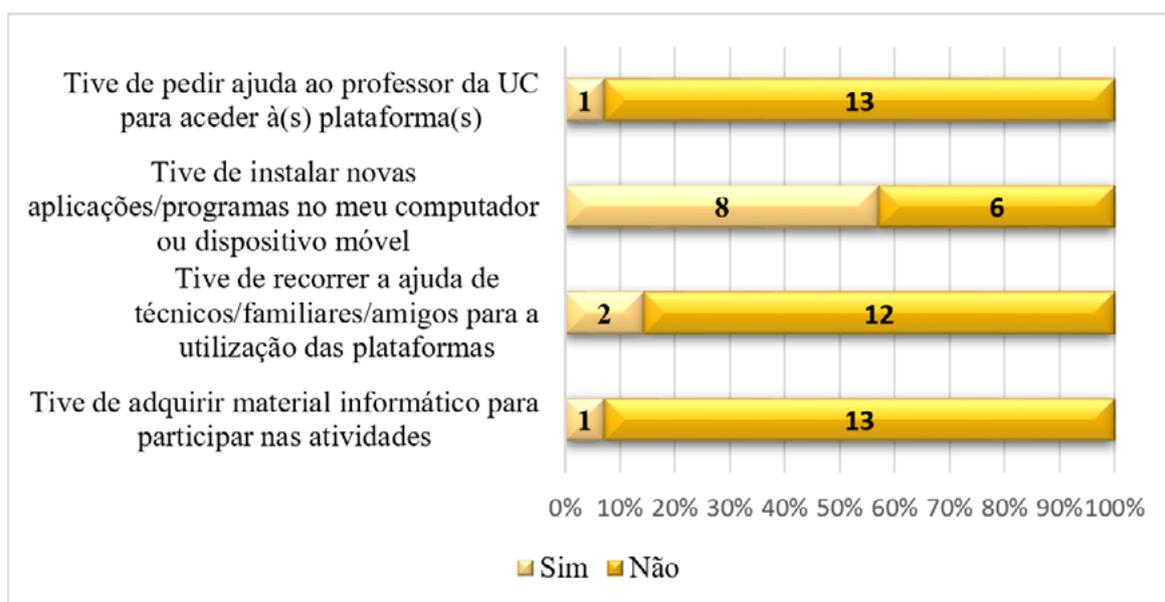
Motivo	Nº de respostas
Falta de motivação	14
Falta de competências na área das TIC para aceder às plataformas digitais	6
Problemas pessoais	5
Não ter as ferramentas tecnológicas (computador, dispositivos móveis) que permitem acompanhar as atividades a distância	1
Problemas de saúde	1
Falta de confiança nas plataformas digitais	1
A impossibilidade de conviver diretamente com as pessoas	1

Destacamos a opinião de um estudante que indicou a opção “falta de motivação” e completou a sua resposta dizendo:

Não preciso de competir nem de valorizar o meu CV, daí o desinteresse de actividades à distância, se bem que há grande disponibilidade, competência e empenho dos docentes. Os objectivos dos 60+ não são compatíveis com telescola, salvo um ou outro caso. Para mim é muito importante sair de casa como uma obrigação, estar com os meus estimados colegas, convivermos em conjunto com professores, técnicos, empregados (administrativos ou outros). O meu envolvimento nas actividades propostas pelo Politécnico é que me dá motivação e desejo de ir ao IPL diariamente (R7).

Quisemos saber se os estudantes seniores tiveram de se preparar para participar nas actividades desenvolvidas nas plataformas digitais. A opção mais valorizada foi a necessidade de instalar novas aplicações/programas no seu computador ou dispositivo móvel (57% (n=8), as outras opções indicadas, como a aquisição de material informático, a ajuda de técnicos/familiares ou a ajuda de professores para o acesso às plataformas, não tem grande expressividade, como se apresenta na Figura 1.

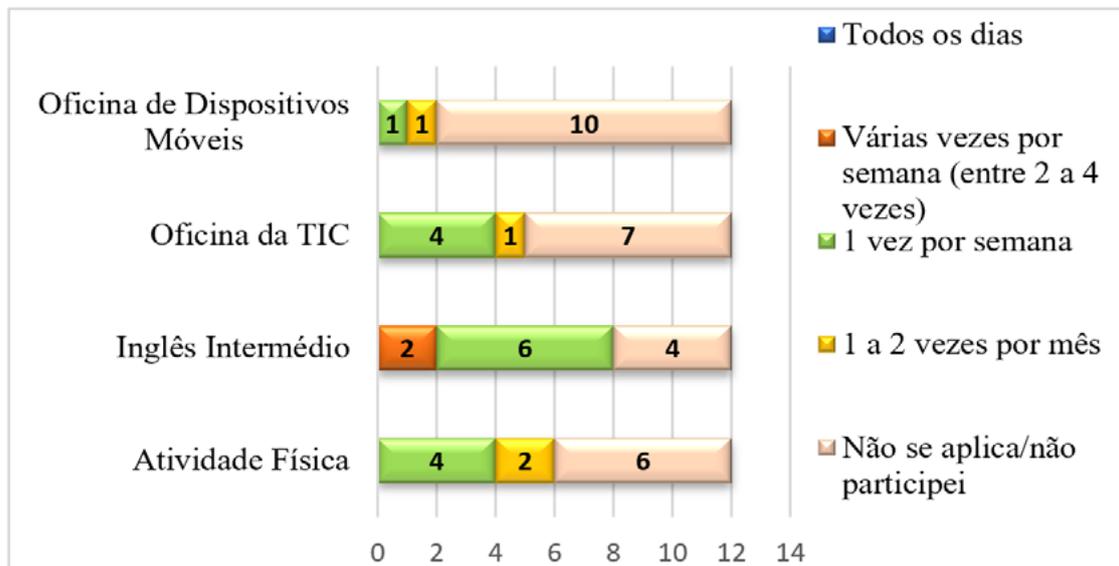
Figura 1 – A preparação para o ensino a distância



Os professores das UC específicas do 60+ utilizaram várias plataformas digitais para o desenvolvimento das actividades formativas (particularmente o moodle, teams, zoom e mega). Dos 14 respondentes, 78,6% afirmam não ter sentido dificuldades no acesso a essas plataformas. Os três estudantes que referem ter tido alguma dificuldade, realçam a falta de domínio da plataforma por falta de prática, problemas técnicos com a internet e problemas de som nos dispositivos móveis.

Relativamente à regularidade com que os estudantes participaram nas atividades desenvolvidas através das plataformas digitais (Figura 2), nas UC específicas do 60+, constatamos que as 12 pessoas que responderam a esta questão participaram preferencialmente nas atividades de Inglês Intermédio, uma vez por semana. Também as que participaram na Oficina de TIC e na Atividade Física o fizeram preferencialmente uma vez por semana. No caso da Oficina de Dispositivos Móveis a participação foi mais reduzida.

Figura 2 - Regularidade de participação nas atividades a distância



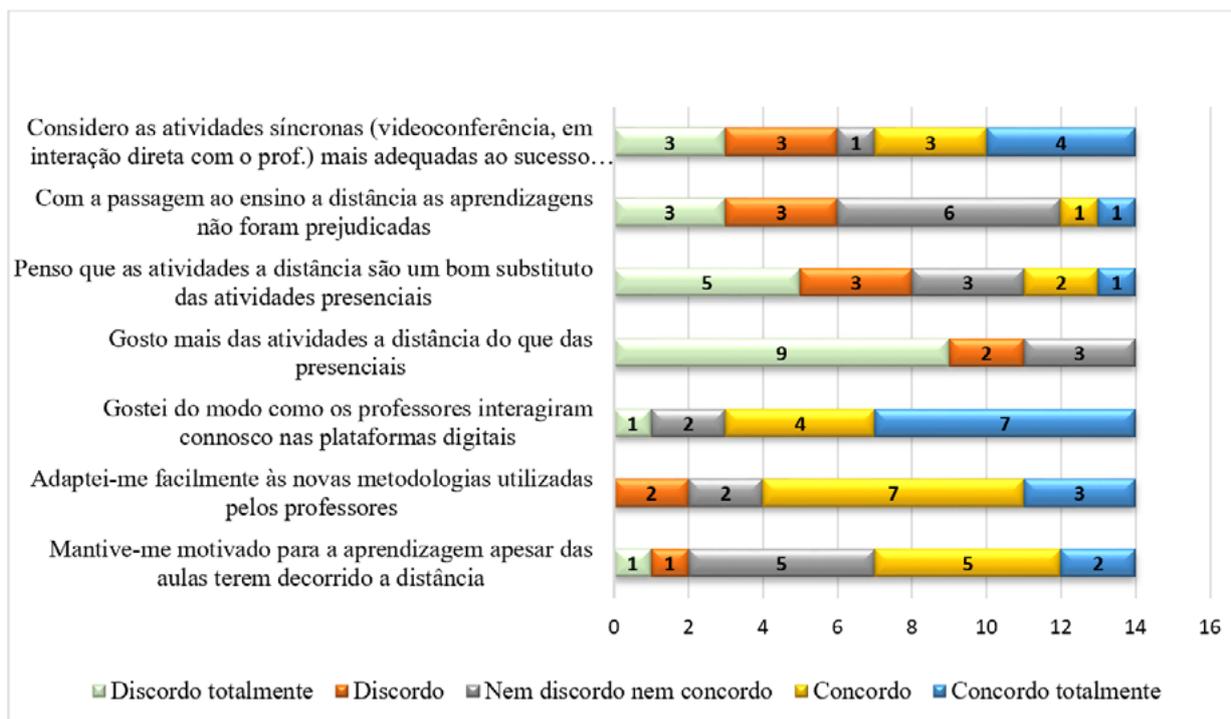
4.2 OPINIÃO SOBRE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS A DISTÂNCIA

Para conhecermos um pouco melhor as opiniões dos estudantes seniores sobre todo o processo, apresentámos um conjunto de afirmações e pedimos que as classificassem através de uma escala de Likert (em que 1 é discordo totalmente e 5 concordo totalmente). Responderam 14 pessoas. A partir dos resultados apresentados na Figura 3 percebemos que as opiniões se dividem, não havendo consenso em relação ao sentido das afirmações.

Assim, a maioria concorda que as atividades síncronas (por videoconferência, em interação direta com o professor) são mais adequadas ao sucesso do processo de aprendizagem, mas ainda há 6 (42,9%) pessoas que discordam. Quanto à influência que a passagem ao ensino a distância teve no processo de aprendizagem, 42,9% dos respondentes concordam que este processo foi prejudicado e somente

14,9% entendem que não. Contudo, há uma percentagem substancial (42,9%) que assume uma posição neutra face a esta afirmação, talvez fruto de alguma indecisão. Só uma minoria (21,4%) concorda que as atividades a distância são um bom substituto das atividades presenciais e ninguém concorda com a afirmação “Gosto mais das atividades a distância do que das presenciais”, apesar de haver 3 pessoas (21,4%) que assumem uma posição neutra (não discordo nem concordo) face à mesma. 78,6% dos estudantes gostaram do modo como os professores interagiram com eles nas plataformas digitais e 71,4% dizem ter-se adaptado facilmente às novas metodologias utilizadas pelos professores. Quanto à afirmação “Mantive-me motivado para a aprendizagem apesar das aulas terem decorrido a distância”, encontramos alguma indefinição, pois apesar de 50% concordarem com a mesma, 5 pessoas (35,7%) não discordam nem concordam.

Figura 3 - Opinião sobre atividades a distância



4.3 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO ENSINO A DISTÂNCIA

Foi solicitado aos estudantes do Programa 60+ que indicassem as vantagens e as desvantagens da utilização das plataformas digitais e das metodologias de ensino à distância, tendo-se obtido 14 respostas.

4.3.1 As vantagens

Os estudantes seniores destacam o papel facilitador destas plataformas e metodologias nas diferentes aprendizagens (n=5). A promoção da relação e da comunicação na comunidade escolar é outra categoria de argumentos em expressão no seu discurso (n=4). Isto significa que os aspetos relacionais são relevantes e valorizados nas experiências educativas, como se pode verificar através das seguintes afirmações na Tabela 3:

Tabela 3 – Vantagens do ensino a distância

Excertos	Respondente
<i>"Possibilitar a aprendizagem e interação com professor e colegas"</i>	R4
<i>"Não perder o contacto com a escola";</i>	R18
<i>"Manter o contacto com a comunidade escolar"</i>	R20

A comodidade (n=2) e a segurança (n=2) são outros benefícios atribuídos a estas plataformas e metodologias. A categoria comodidade está patente em afirmações como *"a facilidade em obter a informação na hora e no local onde se está"* (R27); *"evita deslocações"* (R29). Consideramos que a alusão à segurança está relacionada com a crise sanitária provocada pela Covid-19 manifestada nos seguintes comentários: *"precaução face ao Covid 19"* (R29); *a principal vantagem, para mim, é em caso de necessidade de evitar contágios"* (R32). Esta situação excepcional que estamos a vivenciar influenciou outro estudante que considera as plataformas digitais e as metodologias à distância como instrumentos de trabalho a adotar em casos emergência: *"Nesta situação de Covid, noutras situações de impedimento, etc"* (R8).

Um dos estudantes identifica as vantagens de duas das plataformas utilizadas: à plataforma Zoom associa o contacto direto com professores e colegas, bem como a possibilidade de ter um feedback em relação às suas dúvidas; à plataforma Moodle associa o acesso e disponibilidade de materiais pedagógicos.

Apesar de reconhecerem que estas plataformas e metodologias permitem conciliar a realização de aprendizagens, o acompanhamento de atividades/trabalhos e a interação com os diferentes intervenientes, surgem duas respostas em que se faz a defesa das aulas presenciais como *"são sem dúvida muito melhores"* (R11).

4.3.2 As desvantagens

Quando questionados sobre as desvantagens da utilização das plataformas digitais e das metodologias de ensino a distância, as respostas dos estudantes apontam predominantemente a falta de interação e de contacto pessoal (n=10). Para exemplificar esta categoria reproduzimos as seguintes afirmações na Tabela 4:

Tabela 4 – Desvantagens do ensino a distância

Excertos	Respondente
<i>"Falta de interação pessoal"</i>	R1
<i>"Impessoais, solitárias, mecanizadas";</i>	R3
<i>"As principais desvantagens são muitas, mas realço as que acho mais importantes: falta do contacto humano"</i>	R11
<i>"Nada substitui o contacto pessoal".</i>	R14

Este é um tipo de desvantagem relevante e que pode ter repercussões na motivação e no processo de aprendizagem dos estudantes, como é mencionado em algumas respostas e que apresentamos na Tabela 5:

Tabela 5 – Impacto da falta de interação e contacto pessoal

Excertos	Respondente
<i>"Decresce a interação com o Professor, e a eficácia do apoio e da aprendizagem não é a mesma"</i>	R17
<i>"Eventualmente, pode conduzir a uma desmotivação do aluno"</i>	R19

Os problemas técnicos são, igualmente, identificados por alguns estudantes (n=3). Este aspeto é importante e conduz a outros conteúdos que devem ser objeto de reflexão e campo de trabalho. Estamos a pensar nas possibilidades de acesso à internet e às novas ferramentas digitais, no domínio destas ferramentas ou na inclusão digital, em particular por parte dos seniores.

Em síntese, podemos realçar que os estudantes seniores consideram que essas ferramentas apresentam vantagens em situações excecionais, por questões de segurança e face à ausência de alternativas viáveis, mas não substituem a educação presencial.

4.4 CONTACTO ENTRE ESTUDANTES DO PROGRAMA

A grande maioria (82,9%) dos 35 respondentes refere que, durante o período de interrupção das atividades presenciais, tendo por referência o semestre anterior, os contactos com os seus colegas

do Programa 60+ diminuíram. Três pessoas indicam que não houve contacto, duas que os mesmos se mantiveram semelhantes ao período anterior e 1 que aumentaram. As 32 pessoas que afirmam ter mantido contactos com os colegas fizeram-no, preferencialmente, através de chamadas telefónicas (71,9%) e da utilização das redes sociais (65,6%), mas também houve quem utilizasse as videoconferências (15,6%) e os encontros presenciais (15,6%).

4.5 INTENÇÃO DE EFETUAR INSCRIÇÃO EM 2020/2021

Quando questionados sobre a intenção de se inscreverem no ano letivo 2020/2021, os 35 respondentes assumem posições diferentes caso as atividades decorram presencialmente ou a distância. Assim, caso as atividades decorram presencialmente, 57,1% (n=20) têm intenção de se inscrever, 34,3% (n=12) referem que talvez se inscrevam e só 1 pessoa indica não ter intenção de o fazer. Caso as atividades decorram a distância, somente 11,4% (n=4) manifestam uma intenção clara de voltar a frequentar o Programa, havendo uma elevada percentagem de indecisos (talvez= 65,7%) e 22,9% (n=8) de pessoas que não voltarão a inscrever-se.

4.6 DISCUSSÃO

Como afirmámos no início deste tópico, dos 97 seniores inscritos no 2º semestre 19-20, só 36,1% corresponderam ao pedido da coordenação para participarem no estudo. Este resultado sugere-nos que a maioria das pessoas estava desligada das atividades do Programa e pouco atentas ao correio eletrónico, através do qual enviámos o convite. Das 35 pessoas que responderam só 14 participaram regularmente nas atividades a distância. Esta participação obriga a uma autodisciplina e ao que Lima (2011) designa de aprendizagem autorregulada, ainda que em permanente interação com o formador e os colegas. Mesmo as pessoas que participaram nas atividades a distância de forma regular, manifestam uma preferência clara pelas aulas presenciais.

Esta pesquisa permitiu-nos perceber que, apesar dos seniores que frequentam o Programa 60+ afirmarem, em pesquisas anteriores (PIMENTEL; FARIA, 2016), que a procura de conhecimento é o principal motivo para se inscreverem, a dimensão relacional está fortemente associada a esta decisão. Estes dois tipos de motivações – busca de conhecimento e busca de interação – surgem como dominantes em vários estudos sobre os programas para seniores em instituições de ensino superior (CREECH; PINCAS, HALLAM; JEANES; BROAD, 2010; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, MOLINA, SCHETTINI; DEL REY, 2012) e em instituições sociais, como as universidades seniores (BJURSELL, 2019; MACHADO; MEDINA, 2012; SLOANE-SEALE; KOPS, 2008).

A interação com os pares e com os professores complementam e enriquecem o processo de aprendizagem (SLOANE-SEALE E KOPS, 2008; MACHADO; MADEIRA, 2016). Por isso, a falta de interação e de contacto humano, evidenciada como desvantagem da utilização das plataformas pelos respondentes, parece estar associada à desmotivação e à redução da participação no processo formativo.

Também nos permitiu perceber que, ainda que o investimento na literacia digital da população mais idosa tenha sido muito significativo nos últimos anos, com diversas organizações a promover programas formativos específicos para os seniores (GIL, 2015; GONZÁLEZ, RAMÍREZ; VIADEL, 2015; TRENTIN; REPETTO, 2008), que recolhem elevada adesão e revelam entusiasmo pela aprendizagem neste domínio, alguns seniores continuam a apresentar resistência ou a ter dificuldade na utilização das plataformas digitais. Como afirmam Amaro e Gil (2011), apesar de haver indicadores que demonstram abertura dos seniores à aprendizagem e utilização das TIC, não podemos esquecer que a maioria dos seniores não usaram computadores ou tiveram acesso à internet durante o seu processo educativo e laboral ou nas suas vidas pessoais. Por outro lado, muitas destas pessoas não têm os seus próprios computadores ou têm equipamentos pouco atuais. Este foi um problema referido por alguns dos seniores inquiridos no âmbito deste estudo, que tiveram de adquirir material informático ou de instalar novas aplicações ou programas para acompanharem as aulas e atividades a distância.

Os estudantes do Programa 60+ que, à semelhança dos seniores referenciados nos estudos anteriores, têm mostrado elevado interesse pelas atividades formativas no domínio das TIC (PIMENTEL; FARIA, 2016), parecem apresentar alguma resistência à utilização dessas ferramentas para participarem nas atividades de ensino a distância, de forma autónoma, fora do contexto de aula presencial. Isso deve-se, nas suas palavras, essencialmente à falta de motivação ou à falta de competências. Em certa medida, esta desmotivação poderá estar associada às circunstâncias específicas vividas durante a fase de confinamento, decorrente da declaração de estado de emergência, e ao clima de insegurança e de ansiedade coletiva gerado pelo agravamento da pandemia durante os meses em que este estudo foi realizado.

Estes resultados estão em linha com o que afirmam Sloane-Seale e Kops (2008, p. 55) sobre as preferências dos estudantes seniores que entrevistaram

These older adult learners preferred challenging, experiential educational activities that were practical, hands-on, and interactive. They also wanted to learn content, from content experts, that was relevant and useful to them and reflected the larger issues in their community and the world. They did not want examinations, tests, certificates, degrees, and lecture formats; instead, they wanted opportunities for group discussions and interaction and peer learning.

A desmotivação evidenciada e a preferência pelas atividades desenvolvidas em contacto direto com os professores e colegas, são confirmadas pela intenção de não se inscreverem no ano letivo 2020/2021 caso as aulas sejam realizadas com recurso às plataformas de ensino a distância. Estarão também relacionadas com a diminuição dos contactos mantidos com os colegas que frequentam o Programa. Contudo, é relevante realçar que os que mantiveram contactos (ainda que com menor frequência), o fizeram através do recurso a plataformas de comunicação digital, como a videochamada, e às redes sociais. Ou seja, mobilizaram as suas competências no domínio das TIC para usar ferramentas digitais que atenuassem o impacto do distanciamento físico imposto pela conjuntura.

Como já evidenciámos, são muitos os estudos que realçam a importância da postura dos professores no processo de aprendizagem e na motivação dos estudantes seniores para se envolverem e continuarem nesse processo. Narushima, Jian; Diestelkamp (2018, p.700), por exemplo, referem que "a good instructors are the "glue" for the circle of comrades". Segundo Lima (2011, p. 71) "Só um acompanhamento direto e personalizado do trabalho poderá ser uma opção capaz de produzir aprendizagens relevantes e significativas.". No ensino a distância, a disponibilidade do professor para dinamizar aulas síncronas ou para esclarecer dúvidas através de contactos individuais é fundamental para manter os estudantes seniores ligados e assíduos. A grande maioria dos estudantes que participaram no estudo valorizam a interação mantida com os professores nesta nova etapa e dizem ter-se adaptado às metodologias adotadas por estes.

Os estudantes que se mantiveram envolvidos nas atividades a distância referem, em geral, que não tiveram dificuldades em aceder às plataformas utilizadas pelos professores (moodle, teams, zoom e mega), em adaptar-se às metodologias adotadas, e que se mantiveram motivados no processo de aprendizagem. A disponibilidade para experimentar e para iniciar o processo de utilização das novas ferramentas, como indicam González, Ramírez e Viadel (2015), conduz a um aumento da confiança e à redução da crença de que não serão capazes de se adaptar aos novos desafios.

Assim, a pesquisa sugere que a dificuldade no manuseamento das ferramentas tecnológicas não será o único, ou mesmo o mais determinante, fator a contribuir para o afastamento das pessoas dos contextos de ensino a distância. Muitos dos seniores que não participaram nas atividades desenvolvidas através das plataformas digitais conhecem e dominam essas tecnologias, tendo frequentado várias unidades curriculares nesta área. Parece haver fatores relacionados com algum desânimo face às limitações que estas estratégias alternativas colocam às interações sociais, assim como algum receio face aos riscos associados a uma certa exposição pública inerente ao uso das mesmas. Para além destes fatores, percebeu-se, por conversas informais mantidas durante este período, que alguns estudantes

abraçaram outros projetos para o combate a esta pandemia, como por exemplo a confecção de máscaras e de viseiras para a comunidade.

CONCLUSÃO

Tendo em conta o objetivo geral proposto, este estudo permite-nos avançar que a população sénior do Programa 60+ sentiu dificuldade ou apresentou alguma resistência no processo de adaptação ao novo contexto que se impôs de forma inesperada e não progressiva.

Contudo, é por vezes em situações limite que reconhecemos que o recurso a novas formas de ensino e a utilização de novas plataformas digitais pode garantir o desenvolvimento de atividades que de outra forma não aconteceriam. A tecnologia existe, vai continuar a evoluir e devemos procurar aprender a lidar com ela, de forma segura, sábia e produtiva.

Esta é uma nova realidade para todos os agentes educativos, que levanta novos desafios e exigências acrescidas. Um dos desafios passa por ajudar os seniores a aplicarem os conhecimentos adquiridos nas aulas de TIC ou através de processos autodidatas, a este novo modelo de ensino, no qual as ferramentas digitais são potenciadoras da aprendizagem de outras matérias e conteúdos.

Face à resistência que alguns seniores evidenciam na utilização das plataformas digitais, será relevante insistir na formação específica, que permita adquirir competências que lhes deem segurança no manuseamento de novas ferramentas de forma prática e continuada no caminho de uma verdadeira cultura e literacia digital.

Outro aspeto relevante será o de sensibilizar para as vantagens que esta abertura a novas formas de comunicar e de aprender têm para o seu desenvolvimento pessoal e para o exercício de uma cidadania ativa.

A expectativa de muitos dos seniores que frequentaram o Programa 60+ era a de criar laços e estabelecer contactos presenciais. Contudo, a pandemia obrigou a uma reconfiguração do programa, fazendo antever que de futuro será necessário desenvolver ações que permitam uma maior familiaridade com o mundo digital e com as suas potencialidades para a criação e manutenção de laços com pessoas com as quais não é possível interagir face-a-face.

O Programa 60+ continuará a apostar na oferta formativa que permita conhecer e utilizar as plataformas de ensino a distância. Formação balizada pelas singularidades do processo de aprendizagem de cada sujeito, que atenda aos diferentes ritmos e interesses, reforçando uma vez mais a educação ao longo da vida ao serviço do envelhecimento ativo, saudável e de qualidade.

Em suma, entendemos que a aposta em estratégias de educação ao longo da vida para todos, em qualquer idade, onde a formação na área das TIC surja como facilitadora de inclusão e de participação social deve continuar a nortear as orientações políticas nacionais e internacionais.

REFERÊNCIAS

A AGENDA RENOVADA NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS (EAAL- Renewed European Agenda for Adult Learning). Disponível em: <https://epale.ec.europa.eu/en/policy-in-the-eu/implementing-the-european-agenda-for-adult-learning>.

AMARO, F.; GIL, H. **ICT for Elderly People: «Yes, 'They' Can!»**. 2011 e-CASE & e-Tech International Conference, Tokyo, Japan. January 18-20. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/820/1/Henrique%20Gil%203792.pdf>.

ANTUNES, F. Europeização e educação de adultos: apontamentos. **Laplage em Revista** Sorocaba, vol. 2, nº. 1, p. 22-35. 2016. Disponível em: <http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/117/398>.

BARROS, R. Educação permanente e animação socioeducativa. **Revista Ser Social. Estado, Democracia e Saúde**, Brasília, v. 22, n. 46, janeiro a junho. 2020.

BARROS, R.; BELANDO-MONTORO, M. Europeização das Políticas de Educação de Adultos: reflexões teóricas a partir dos Casos de Espanha e Portugal. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, 21(71). 2013. Disponível em: <http://epaa.asu.edu/ojs/article/view/1385>.

BJURSELL, C. Inclusion in education later in life: Why older adults engage in education activities. **European Journal for Research on the Education and Learning of Adults**, Vol.10, No.3, pp.215-230. 2019.

BRYMAN, A. **Social Research Methods**. Oxford: Oxford University, 2015.

CANÁRIO, R. **Educação de adultos: Um campo e uma problemática**. Lisboa: Educa-Formação/Anefa. 2000.

CAVACO, C. Analfabetismo em Portugal – os dados estatísticos, as políticas públicas e os analfabetos. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, v. 01, n. 02, p. 17-31, jul./dez. 2018.

COELHO, A. Os seniores na sociedade em rede: dinâmicas de promoção da inclusão e da literacia digitais em Portugal. **CIES e-Working paper**, nº 213, 1:24. Lisboa: ISCTE, 2017.

COMISSÃO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICA DO PROGRAMA 60+ (2020). **Relatório de atividades**. Ano letivo de 2019/2020. Leiria: Politécnico de Leiria.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2007a). **Envelhecer bem na sociedade da informação** – uma iniciativa i2010. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2007b). **Participar na sociedade da informação** – uma iniciativa i2010. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.

COUTINHO, C. **Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática**. Lisboa: Almedina, 2015.

CREECH, A.; PINCAS, A.; HALLAM, S.; JEANES, J.; BROAD, J. Being an 'older learner' in higher education: sustaining the will to learn. **International Journal of Education and Ageing**. Vol. 1, No. 1, p. 23-40. 2010.

DIAS, I. O uso das tecnologias digitais entre os seniores motivações e interesses. **Sociologia, Problemas e Práticas**, nº 68, 51:77. 2012.

EUROPEAN COMMISSION. **The 2012 Ageing Report: economic and budgetary projections for the 27 EU Member States (2010-2060)**. European Commission, Directorate-generale for economic and financial affairs. 2012.

FALEIROS, V. P. Autonomia Relacional e Cidadania Protegida: Paradigma para Envelhecer Bem. In: M. I. CARVALHO (coord.). **Serviço Social no Envelhecimento** (pp.35-48). Lisboa: Pactor. 2013.

FAURE, E. (Coord) **Learning to Be** - the world of education today and tomorrow. Paris, Londres: Unesco-Harrap, 1972.

FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, R.; MOLINA, M. A.; SCHETTINI, R.; DEL REY A. L. Promoting Active Aging Through University Programs for Older Adults. **GeroPsych**, 25 (3), 2012, 145–154. 2012.

GIL, H. Educação Gerontológica na contemporaneidade: a gerontagogia, as universidades de terceira idade e os nativos digitais. **RBCEH**, Passo Fundo, v.12, n.2, pp.212-233. 2015.

GONZÁLEZ, A.; RAMÍREZ, M. P.; VIADEL, V. ICT Learning by Older Adults and Their Attitudes toward Computer Use. **Current Gerontology and Geriatrics Research**, V. 2015, Article ID 849308, 7 pages. 2015.

GUIMARÃES, P. A utilidade da educação de adultos: a aprendizagem ao longo da vida na União Europeia e a política pública de educação e formação de adultos em Portugal. **Laplage em Revista**, Sorocaba, vol. 02, n.04, jan.- abr., p. 36-50. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32782/1/pguimaraes_laplage.pdf>.

KALLEN, D. Aprendizagem ao longo da vida em retrospectiva. **Revista Europeia de Formação Profissional**, 8/9, 16-22. 1996.

LIMA, J. Formação a distância: Novos desafios e competências para os formadores. *In*: Susana Mira Leal; Suzana Nunes Caldeira (org.). **Formação de Adultos**. Desafios, articulações e oportunidades em tempo de crise (pp.65-72). Universidade dos Açores. 2011.

LIMA, L. **Educação ao longo da vida**. Entre a mão direita e a mão esquerda de Miró. São Paulo: Cortez. 2007.

MACHADO, F.; MEDINA, T. As Universidades Seniores. Motivações e repercussões de percursos em contextos de aprendizagem. **Educação, Sociedades e Culturas**, nº 37, 151-16. 2012.

MACHADO, M.; MADEIRA, R. Perceções de estudantes seniores sobre os desafios de ler o mundo em contexto universitário. **Investigar em Educação** – II série, 5, 73-97. 2016.

NARUSHIMA, M; JIAN, L.; DIESTELKAMP, N. I Learn, Therefore I am: A Phenomenological Analysis of Meanings of Lifelong Learning for Vulnerable Older Adults. **The Gerontologist**, Vol. 58, No. 4, 696-705. 2018. Disponível em: <https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/58/4/696/3760146>

OCDE. **Recurrent Education**: a strategy for lifelong learning. Paris: OCDE. 1973

PÁSCOA, G.; GIL, H. (2015). As TIC como antídoto para a solidão e isolamento do cidadão sénior: uma plataforma essencial para alcançar o bem-estar social. **Sensos 10**, VolIV, nº2, pp. 65-77. 2015.

PEREIRA, C.; NEVES, R. (2011). Os idosos na aquisição de competências TIC. **Educação, Formação & Tecnologias** (novembro), 4 (2), 15-24.

PIMENTEL, L., LOPES, S., PEDROSA, B.; MAURÍCIO, C. Da multigeracionalidade à intergeracionalidade: refletindo sobre a aprendizagem intergeracional no ensino superior. **INFAD, Revista de Psicologia**, nº2, Vol 2, ISSN: 0214-9877, pp. 307-322. 2019.

PIMENTEL, L.; FARIA, S. O Programa IPL60+: um contexto privilegiado de intervenção social na promoção do envelhecimento ativo e das relações intergeracionais. *In*: L. PIMENTEL; S. LOPES; S. FARIA (coord.). **Envelhecendo e Aprendendo**. A Aprendizagem ao Longo da Vida no Processo de Envelhecimento Ativo (pp. 101-128). Lisboa: Coisas de Ler. 2016.

PIMENTEL, L.; LOPES, S. A Criatividade não tem Idade: uma experiência de aprendizagem intergeracional. *In*: Let's Talk About Ageing 1st International Conference. **Conference Proceedings** (pp. 195-197). Porto. 2018. Disponível em <https://ageing.eventqualia.net/pt/2018/inicio/publicacoes/>

PIRES, A. Formação de Adultos, Aprendizagem ao Longo da Vida e mudança educativa. *In*: **Colloque International De L'afirse Former Les Enseignants et Les Educateurs**. Une Priorite Pour L'enseignement Superieur, Paris, Maio, 2003. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/17278/1/Forma%20de%20adultos%20aprendizagem%20ao%20longo%20da%20vida%20e%20mudan%20educativa%20-%20pp.%2053-60.pdf>>.

SILVESTRE, C. (2013). **Educação e Formação de Adultos e Idosos** – Uma Nova Oportunidade. Lisboa: Edições Piaget.

SLOANE-SEALE, A.; KOPS, B. **Older Adults in Lifelong Learning**: Participation and Successful Aging. *Canadian Journal of University Continuing Education*. Vol. 34, No. 1, pp. 37-62. 2008.

TRENTIN, G.; REPETTO M. ICT and LifeLong Learning for Senior Citizens. **Journal of e-Learning and Knowledge Society**, vol. 4, n. 1, pp. 189-198. 2008.

YIN, Robert. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2014.